

## Trabalhador, o que fazer? Investir no SABER

*Rui Magrini*

Engenheiro de Saúde do Trabalhador e  
Doutor em Sociologia

A noção de Saber a que me refiro é a que inclui sim a informação, a comunicação, o conhecimento e a educação, mas não se limita a essas categorias. Refiro-me ao Saber produto e ao mesmo tempo fonte da ação cognitiva social e política. Saber que o trabalhador recupera e desenvolve em sociedade, tanto mais e melhor, quanto maior o grau de sua união e intervenção. União entre categorias, de operários, camponeses e setores médios, etnias, povos vizinhos ou distantes e aliados.

Assim como ocorreu nas demais ondas tecnológicas, hoje, frente ao Tsunami das nanotecnologias, o trabalhador obriga-se muito mais a investir em estruturas e estratégias próprias de Saber.

Não se trata de desprezar serviços públicos, escolas, a academia formal e nem mesmo as escolas profissionalizantes, mas de edificar instâncias e de estabelecer programas que favoreçam a sua autonomia. Para que? para impedir que limites lhes sejam impostos pela burocracia estatal, pelos segredos da propriedade privada, pelos mitos das corporações “cientificistas” e pela

exclusividade de atribuições e de conhecimentos que corporações profissionais se auto-estabelecem.

E que limites são esses? Ao próprio saber, à participação, à decisão e à intervenção.

Como intervir?

Preliminarmente, um alerta: quando os nanotubos de carbono (mais eficientes que o cobre na condução da eletricidade) jogarem na “rua da amargura” os mineiros do cobre no Chile, quando o níquel e o cobalto substituírem a platina que assegura o trabalho dos mineiros da África do Sul, quando os trabalhadores do algodão, da borracha, da produção convencional de alimentos e dos demais setores ficarem ameaçados de se reduzirem a hordas, não tenham dúvida: a **migração** vai correr solta. Para onde? Para as sedes do capitalismo. Já se viu corrente migratória dirigir-se a países pobres da África, da Indonésia, ou a países em guerra no Oriente Médio? Esse é o preço do pecado do capitalismo predador das colônias. As mega corporações empresariais não têm pátria, mas os ricos Estados-Nações ainda existem e nesses momentos até eles sofrem as conseqüências. Não é a toa que (aí sim) agilizam as regulamentações –para limitar a migração–, constroem muros e estabelecem ferozes patrulhas contra a migração clandestina.

Noutro plano pode-se observar que – outro fruto da desigualdade social – a violência urbana penaliza primeiramente

os moradores das periferias, mas os setores médios e as elites não deixam de sentir o crescimento das ameaças.

Para concluir o “alerta” é necessário considerar que o caos social tem diversas faces e tem retroalimentação positiva, ou seja, cresce como bola de neve. A precarização ocupacional, hoje a caminho da desintegração social, tende não só a pressionar, como a atropelar todos os segmentos, incluindo-se aí as agremiações, os sindicatos e a “sociedade civil organizada”.

E para encerrar essa comunicação de modo pragmático, ou seja, pé no chão, considerando que me dirijo ao trabalhador organizado, não ao espectador, mas ao ator social, agente de transformação; reconhecendo a sensibilidade, o potencial e a garra do trabalhador brasileiro, pretendo estimular o traçado da pauta de programas de realizações crescentes de assembléias, seminários e outros eventos, vislumbrando a concretização de encontros internacionais de trabalhadores que, precedendo os próximos Seminários Internacionais de Nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente lhes incorporem teses e resultados.